

O papel do futebol operário na formação e na identidade da classe trabalhadora

The role of workers' football in the formation and identity of the working class

Resenha: BRESOLIN, Felipe T. **Jogo, logo existo:** futebol, conflito social e sociabilidade na formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS (1901-1931). Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

Palavras-chave: futebol operário; classe trabalhadora; sociabilidade.

Keywords: Workers' Football; Working class; Sociability.

Olivia Nery*

OLIVRO, publicado pela Editora Fi em 2023, disponível tanto no formato físico quanto no digital, é fruto da pesquisa de mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendida em 2022. Felipe é historiador da linha marxista-thompsoniana e pesquisador da História do Trabalho. Dividida em três capítulos, a obra possui também o prefácio de Miguel Enrique Stédile, pesquisador da História do Trabalho e do futebol operário. O ponto central da pesquisa é a análise da contribuição do futebol na formação da classe operária rio-grandina durante a Primeira República.

Logo na introdução, Bresolin argumenta sobre a importância de compreender o futebol como “um recinto de mobilização e de agência política” (p. 17). Para o autor, ao contrário do que historicamente se construiu a respeito do futebol, visto como estratégia de alienação ou de manipulação do social, o futebol deve ser interpretado como um “produto social [...] que ocupou um importante espaço na construção cultural do operariado urbano em formação, tornando-se uma presença perene no cotidiano proletário” (p. 18-19).

Do ponto de vista teórico, a investigação se baseia nas leituras e conceitos marxistas de Edward Thompson, Eric Hobsbawm, bem como Walter Benjamin e outros nomes

* Doutora em História (PUCRS), mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPeI), bacharela em História (FURG). E-mail: olivianery@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0114-9627>.

nacionais da História Social do Trabalho e do futebol operário, tais como Marcelo Badaró Mattos, Beatriz Loner e César Guazzelli. A conduta teórica thompsoniana tem como mote a “história vista de baixo” e a valorização da experiência, o que se faz presente no decorrer de toda a obra. Vale destacar que tal referencial permite a argumentação do autor de que o futebol é um importante espaço de sociabilidade e de construção identitária, sem que ele seja isento de conflitos e incoerências frutos do seu tempo.

No primeiro capítulo, intitulado “Uma cidade negra e operária: a formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS”, Felipe Bresolin retoma o aspecto histórico da cidade do Rio Grande, recorte espacial do seu trabalho. Rio Grande é uma cidade peninsular localizada ao sul do Rio Grande do Sul, com um importante porto marítimo e uma forte presença industrial e operária. Foi um dos principais polos industriais do estado, juntamente com Pelotas, resultando no apelido de “cidade das chaminés”. Abrigou centenas de fábricas desde o final do século XIX até o início do século XXI, transformando Rio Grande em uma cidade operária e com importantes mobilizações, organizações e instituições da classe.

A partir das contribuições de Marcelo Badaró de Mattos e de Beatriz Loner, Bresolin demonstra o quanto a formação da classe trabalhadora rio-grandina não pode desconsiderar o legado de séculos de escravidão e a presença dos recém-libertos no contexto pós-abolição – os mais de três séculos de escravidão que moldaram sistemas, instituições, pensamentos, mas também estratégias de resistência e de luta dos escravizados. Rio Grande foi uma cidade com significativa presença escrava. Era através do seu porto que muitos africanos e afro-brasileiros eram trazidos naquela condição para serem vendidos e distribuídos para a região. Ademais, a cidade vizinha Pelotas foi responsável por um intenso fluxo e concentração de escravizados no estado, em razão do uso da mão de obra escravizada nas charqueadas. Para Bresolin, tal cenário demonstra o quanto torna-se inviável pensar a formação da classe trabalhadora rio-grandina sem a contribuição da população negra escravizada, livre ou liberta.

Essa contribuição é analisada pelo autor através do movimento abolicionista, das sociedades e clubes negros em Rio Grande e suas relações com as organizações de classe. Bresolin demonstra que diversos personagens atuaram em ambas frentes, levando suas experiências e aprendizados de luta para a classe trabalhadora. Além disso, identificou essa relação, chamada por ele de umbilical, em organizações, clubes e sociedades. Casos como este atestam que “as primeiras organizações operárias vão expressar uma consciência de classe que evidencia explicitamente esse paralelo de experiência entre trabalhadores livres, libertos e escravizados” (p. 56). Ressalta-se que essa abordagem atesta a contribuição do autor para o campo da História do Trabalho, mas também para a história da cidade do Rio Grande, pois, depois de Beatriz Loner, poucos trabalhos deram a devida continuidade e importância para tais questões.

No segundo capítulo, “O pioneirismo futebolístico de Rio Grande/RS e sua proliferação entre a classe trabalhadora”, Felipe Bresolin se debruça no cenário esportivo do futebol em Rio Grande, demonstrando que até se tornar um esporte “do povo”, a prática era elitista, aristocrática e foi fortemente permeada pelos preconceitos racistas do período. O livro aponta como se deu a criação dos principais times locais e as ligas e torneios de futebol. Nessa análise, identifica a presença de nomes da elite industrial e comercial local, mas se aprofunda na compreensão do processo de transição, apropriação e reivindicação do esporte pela classe trabalhadora. Observando os clubes fundados pelas fábricas locais, o autor percebe que algumas dessas iniciativas tinham por intuito o controle da classe trabalhadora por parte do patronato. Entretanto, também verifica que apesar disso não é possível afirmar que foi o suficiente para afastar por completo os movimentos da classe e reivindicações grevistas.

Nesse capítulo, Bresolin lista algumas das fábricas rio-grandinas que possuíam times de futebol, os locais onde aconteciam os jogos e os conflitos entre as classes. Uma das grandes contribuições desse trabalho está na análise da formação das ligas de futebol, que para o autor constituem-se no “epicentro das tensões entre clubes com diferentes perfis sociais, potencializando mecanismos de dominação e exclusão no âmbito futebolístico” (p. 89). Diversas foram as medidas tomadas pela elite local para impedir ou dificultar a participação dos clubes menores, bem como barrar a participação de pessoas não alfabetizadas, o que era a realidade da grande maioria da população negra local.

O terceiro e último capítulo, “O caso da Liga Sportiva Rio Branco: uma liga proletária de futebol?”, é o mais extenso e dedica-se a analisar a respectiva liga, fundada em 1926. O autor baseia suas análises reforçando que para que seja possível entender a complexidade do papel do futebol na formação da classe trabalhadora, bem como as relações e conflitos existentes, é preciso tomar os trabalhadores enquanto “atores históricos influentes” (p. 105) e não como meramente “vítimas passivas” (p. 105). Essa concepção traz para o cerne do trabalho o protagonismo da classe trabalhadora, que é defendida pelo autor como capacitada para sua auto-organização, a identificação de brechas do sistema exploratório capitalista e de criação de diferentes formas de resistência. Sobre a Liga Sportiva Rio Branco, salienta que ela “congregava clubes operários, de bairros e ligados à comunidade negra rio-grandina” e faz parte de um esforço coletivo de agremiações de Rio Grande e Pelotas. Ao longo de sua análise, transparecem as questões de raça, perceptíveis não só pelo nome da Liga, referência direta ao Barão de Rio Branco, responsável pela assinatura da Lei do Ventre Livre em 1871, mas também pelo tom e palavras utilizadas pelos jornais para falar sobre os jogos da liga.

Como um trabalho de História Social do Trabalho, o autor disserta sobre o tema demonstrando a importância de analisar o passado através da circulação dos personagens, suas relações, interesses e conflitos. Ao identificar nomes que participaram de diferentes

organizações e instituições, reforça seu argumento de que o fator raça foi essencial na formação da classe trabalhadora, bem como o próprio futebol. Um dos casos que exemplifica tais questões é o do Sport Club Rio Negro, de 1919, “o clube de futebol mais expressivo vinculado à comunidade negra rio-grandina” (p. 123), que teve na sua diretoria Carlos Santos, este que “era uma das principais referências do associativismo negro da cidade” (p. 123).

Além disso, também demonstra o papel da imprensa negra, do trânsito e da relação com outros espaços sociais e culturais da comunidade negra local. No retrospecto da atuação da Liga Rio Branco e a comparação com a Liga Rio-Grandense identificam-se os antagonismos, os interesses distintos da luta de classe entre ambas, sendo uma mais associada à burguesia industrial e comercial local, outra à classe trabalhadora e a população negra. Bresolin encerra o capítulo falando sobre o término da Liga, em 1930, que se dá em meio aos confrontos violentos em uma partida. O homicídio que acontece em campo, entre jogadores, um trabalhador da ferrovia e outro da pesca, é ponto de análise para as questões que envolvem a masculinidade, a virilidade e tensões de gênero que permeiam o esporte. Para o autor, esse fato também pode ser interpretado à luz da própria diversidade da classe trabalhadora, que não é ausente de conflitos internos, de pensamentos heterogêneos e de tensionamentos.

Ao concluir a obra, reforça que “a história da cidade do Rio Grande e do futebol estão entrelaçadas” (p. 158), e que é imprescindível olhar para o futebol de forma ampla, complexa e como parte “da suposta modernidade capitalista” (p. 158) local. Dessa forma, salienta-se que o livro contribui de forma significativa para o campo historiográfico, e tal contribuição não fica circunscrita à cidade do Rio Grande, mas possibilita uma compreensão do futebol enquanto fenômeno histórico com importante atuação na consciência, na identidade e na própria formação da classe trabalhadora. Ademais, o trabalho também fornece dados empíricos e teóricos que fomentam a realização de outras pesquisas sobre o tema em países e cidades com o legado da escravidão. Nos auxilia a repensar a forma como a concepção da classe trabalhadora foi historicamente representada de forma enfática na contribuição europeia, marginalizando e inviabilizando a contribuição negra.

Como pesquisadora do patrimônio industrial, defendo que o livro deve ser visto como um convite à aproximação da História do Trabalho com esse campo, sobretudo no que tange à identificação dos conflitos de classe e as formas, por vezes sutis, de resistência e de organização da classe trabalhadora. A leitura thompsoniana contribui para percebermos a importância das múltiplas experiências e vivências da classe trabalhadora, e que não se limitam ao espaço de produção. Nesse sentido, evidenciam-se as múltiplas camadas e visões possíveis do universo do trabalho e da classe trabalhadora que não seguem uma regra e uma temporalidade única. Dialogando com os estudos da memória social, essa leitura contribui para que seja possível identificar as singularidades do processo de memorização de cada indivíduo, bem como a influência da experiência de coletivo (classe)

nessa memória. As reflexões acerca da experiência de classe, de suas incoerências, conflitos e processos identitários, encontram eco nos estudos da memória do trabalho e dos trabalhadores, principalmente na perspectiva de que são indivíduos complexos que não devem ser entendidos de forma simplista e limitada.

Se considerarmos as cidades industriais como grandes engrenagens, tal como propõe Andrea Muehlebach (2017), onde todos os setores estão direta ou indiretamente conectados, e que as diferentes peças são importantes para seu funcionamento e compreensão, tais contribuições ficam ainda mais evidentes. Ademais, Álvarez-Areceres (2008, p. 6), salienta que é indispensável que o patrimônio industrial seja compreendido “não como elemento isolado, mas no seu contexto territorial”.¹ Nesse sentido, não há como desvencilhar o patrimônio industrial rio-grandino das questões de raça e classe levantadas por Bresolin, sobretudo dos tensionamentos que nem sempre aparecem em outras abordagens e fontes históricas.

O trabalho do autor também demonstra a necessidade da valorização dos espaços de sociabilidade e de formação da classe trabalhadora, como clubes, campos de futebol, jornais e toda a variedade de documentos associados à prática futebolística nos espaços fabris e operários, que nem sempre recebem a devida atenção das políticas de preservação patrimonial. O patrimônio industrial ainda é invisibilizado ao ser comparado a outras tipologias patrimoniais e pode ser entendido como um patrimônio emergente (MENDES, 2022). Entretanto, quando há a identificação desses bens por parte dos órgãos institucionais e oficiais como patrimônios, percebemos uma maior atenção dada aos bens arquitetônicos imóveis, nomeadamente os espaços de produção; e os locais de organização, atuação e sociabilidade da classe trabalhadora ficam à margem da seleção patrimonial, sendo destruídos ou abandonados. Essa seleção evidencia o silenciamento a que a classe trabalhadora foi historicamente submetida, dificultando a apropriação desses espaços pelas pessoas que viveram e pertenceram a esses espaços.

Nesse sentido, é importante atuarmos buscando a diversidade de representações memoriais, patrimoniais e identitárias, fugindo de seleções, narrativas e ações preservacionistas que protejam apenas os bens relacionados à elite local. Tomo a definição de patrimônio apresentada pelo antropólogo José Reginaldo Gonçalves (2009, p. 31), “o patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir”, para defender que o patrimônio industrial deve ser também utilizado como espaço de reflexão, de ação e de construção de uma realidade que seja também protagonizada pela classe trabalhadora e que, através dele, seja possível defender seus interesses.

Recebido: 22/01/2024

Aprovado: 20/03/2024

1 Tradução livre. Trecho original em espanhol: “es cada vez más necesario interpretar el patrimonio no como elemento aislado, sino en su contexto territorial.”